



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

## FISHER, H. E. S. (1930; 2002)

Harold Edward Stephen Fisher (geralmente conhecido como Stephen Fisher) foi um historiador económico britânico cuja obra de maior relevância se prende com as relações económicas entre Portugal e a Inglaterra no século XVIII. Nascido em 1930, Fisher formou-se em economia na London School of Economics, em 1955. Dois anos mais tarde, tornou-se *assistant lecturer* no University College of the South West, que se tornaria depois a Universidade de Exeter. Anos mais tarde, veio a liderar o Department of Economic History desta instituição, já como *senior lecturer*. Integrou a Royal Historical Society. Doutorou-se em 1961, pela Universidade de Londres, com a tese “Anglo-Portuguese Trade, 1700-1770”. Uma versão mais completa e atualizada deste estudo seria publicada como livro dez anos depois (*The Portugal Trade*, 1971). A sua atividade enquanto investigador e professor em Exeter inseriu-se sempre na área da história económica, nomeadamente do comércio marítimo. Era o organizador das Exeter Maritime History Conferences, realizadas anualmente, e cofundou o Centre for Maritime Historical Studies daquela universidade. Foi um dos editores da obra coletiva *The New Maritime History of Denver*, em dois volumes (1992 e 1994). Interessou-se ainda pela história dos países escandinavos, tendo integrado a mesa editorial da *Scandinavian Economic History Review*.

A sua obra referente ao comércio português constitui um estudo rigoroso, metódico e bem fundamentado das flutuações no tráfego no período que vai de 1700 a 1770. O historiador utiliza os dados estatísticos que é possível recolher das fontes contemporâneas, sem esquecer as limitações das mesmas. São ainda tidas em conta as várias fontes de “ganhos invisíveis” que, por diversas razões, não eram incluídas nesses dados oficiais ou que resultavam do comércio de um modo indireto apenas. Além dos ritmos cíclicos (por exemplo, sazonais) e das dinâmicas de duração longa, aponta os momentos específicos em que algum evento (como a Guerra da Sucessão Espanhola ou o Terramoto de 1755) impactou o comércio, nomeadamente tornando Portugal mais dependente das importações inglesas.

Fisher observa que as décadas entre 1700 e 1760 assistiram a um crescimento estável do comércio entre os dois países e que, pelo contrário, a década de 1760 foi de queda acentuada do mesmo comércio, que se manteria relativamente mais reduzido até à viragem do século. São discutidos vários possíveis fatores que contribuíram para esta alteração, entre eles o fomento das manufaturas nacionais em Portugal. Durante todo o período em estudo o Reino Unido manteve um excedente (embora mais reduzido na fase final, quando as suas exportações diminuíram de valor e as portuguesas se mantiveram consistentes) em relação ao seu parceiro comercial, excedente que Portugal saldava através das remessas regulares de metal precioso, o “bulhão”.

Esse “bulhão”, ou seja, o ouro do Brasil (ao qual acresciam também os diamantes da mesma proveniência) constitui uma das mercadorias-chave do comércio que o Autor analisa, uma cujo crescimento é diretamente responsável pelo maior volume de trocas comerciais entre os dois países. Embora a saída de bulhão para o estrangeiro fosse proibida pela lei portuguesa (dificultando estimativas do volume destas remessas), o Autor aponta que ela tinha lugar com muita frequência, com as autoridades a fechar os olhos exceto quando lhes era conveniente confiscar um carregamento. Fisher apresenta dados mostrando que moedas de ouro portuguesas tinham na época enorme circulação nas cidades inglesas.



# DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

A outra grande exportação portuguesa para a Grã-Bretanha era o vinho. O Autor deixa de lado as castas madeirenses para se focar no vinho do Porto, cujo consumo em Inglaterra se popularizou no século XVIII, suscitando o importantíssimo desenvolvimento da região vinícola do Douro. Fisher vê na rivalidade com a França a raiz da maior procura inglesa por vinhos portugueses, que simultaneamente provoca e beneficia com a mudança de gosto do público britânico. Em contrapartida, não atribui muita importância ao célebre Tratado de Methuen de 1703, considerando que o estímulo dado por este ao comércio teria sido apenas temporário. Nota que eram os mercadores britânicos, estabelecidos em Portugal, a controlar tanto a compra do vinho aos produtores como o seu transporte para o Reino Unido.

Por sua vez, a acrescida prosperidade económica em Portugal nesta fase, resultante em parte do crescimento vinícola, é, segundo o Autor, a causa da maior procura de manufaturas inglesas, em especial de artigos têxteis, explicando o aumento da sua importação – até porque o desenvolvimento de manufaturas autóctones não era então uma prioridade. Os têxteis constituíam de longe a mais importante mercadoria de exportação inglesa para Portugal, mas este último importava também artigos de luxo (mercado criado pelas minas do Brasil) e bens alimentares. Existia ainda um importante setor de transportadores marítimos ingleses, de passageiros e mercadorias – inclusive para o Brasil, já que os navios estrangeiros que para lá se dirigissem tinham forçosamente de fazer escala na metrópole.

Fisher não se limita aos aspetos quantitativos do comércio anglo-português setecentista. Na sua obra, descreve os modelos em que esse comércio se processava, os setores (ingleses e portugueses) e o capital envolvidos em cada uma das mercadorias, as diferenças entre os vários ramos e várias outras vicissitudes dos seus processos. Se menos original nestes aspetos, não deixa de ser igualmente claro e rigoroso na sua exposição.

O Autor presta ainda atenção a uma vertente comercial então muitas vezes descurada pelos analistas: o tráfego entre Portugal e as colónias britânicas da América do Norte, consistindo este, na generalidade, em importações pelos portugueses de géneros alimentícios (bacalhau e cereais), cujo transporte tendia também a ser levado a cabo por mercadores ingleses.

Mais do que os efeitos na história portuguesa, para Fisher, a relevância do comércio anglo-português e do seu estudo está sobretudo no impacto que essa relação possa ter tido para os desenvolvimentos na sua pátria na época seguinte – nomeadamente, na Revolução Industrial. Conclui que os lucros consistentes que este comércio trazia à classe comercial inglesa e as injeções de ouro na sua economia contribuíram de modo significativo para aumentar a riqueza do país, só assim tendo sido possível a transformação que se verificou. Paralelamente, o mercado para bens têxteis ingleses que Portugal constituía teria levado, defende, ao desenvolvimento deste setor.

Além de nos seus conterrâneos e no francês Frédéric Mauro (a propósito do comércio atlântico), este historiador apoia-se em vários especialistas portugueses. Cita sobretudo Vitorino Magalhães Godinho e Jorge Borges de Macedo, cujos trabalhos sobre história económica eram então recentes – e fortemente inovadores. Consulta também um grande número de fontes portuguesas, através dos espólios da Torre do Tombo, da Biblioteca Nacional e do Gabinete de História do Porto, a par, claro está, de muitas fontes inglesas.

Stephen Fisher morreu em 2002. Embora reduzida a uma única obra, a sua contribuição para a história económica de Portugal e das suas relações com a Inglaterra é significativa, merecendo o elogio de Borges de



Macedo (*A Historiografia Britânica...*, 1973, pp. 37-38).

### Bibliografia ativa

FISHER, H. E. S., *Anglo-Portuguese Trade, 1700-1770*, tese de doutoramento apresentada à Universidade de Londres, 1961; *The Portugal Trade. A Study of Anglo-Portuguese Commerce, 1700-1770*, Londres, Methuen, 1971; e DUFFY, Michael, STARKEY, David J., YOUINGS, Joyce (eds.), *The New Maritime History of Devon*, 2 vols., Londres, Conway Maritime Press, 1992-1994.

### Bibliografia passiva

MACEDO, Jorge Borges de, *A Historiografia Britânica sobre Portugal: a propósito do centenário da aliança luso-britânica*, [s. n.], Lisboa, 1973; STARKEY, David J., "H.E.S. (Stephen) Fisher, 1930–2002 in memoriam", *Scandinavian Economic History Review*, 50:1, p. 5, 2002, disponível em <https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/03585522.2002.10410798>.

Tiago Seixas dos Santos



SUPPORTED BY:

